

DOSSIÊ

**O ENIGMÁTICO NA ATIVIDADE DO(A)
PESQUISADOR(A): RELAÇÃO
OBJETIVIDADE E SUBJETIVIDADE**

*The enigmatic in the activity of the researcher:
objectivity and subjectivity relationship*

ELOISA HELENA SANTOS (UNA)¹

MARGARETH DINIZ (UFOP)²

(ORGANIZADORAS)

¹ Doutora em Educação pela Université de Paris VIII, França. Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário Una. E-mail: <eloisasantos@uaivip.com.br>.

² Doutora e Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (FaE/UFMG). Professora Adjunta de Psicologia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), integra o Programa de Pós-Graduação em Educação da UFOP. Diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS-UFOP) e Coordenadora dos grupos de pesquisa sobre Formação e Condição Docente (PRODOC/UFMG) e Programa Caleidoscópio de Pesquisa/Extensão (UFOP). E-mail: <dinizmargareth@yahoo.com.br>.

APRESENTAÇÃO

O presente dossiê tem como objetivo reunir produções científicas que abordam a dimensão enigmática presente na atividade do(a) pesquisador(a) e que expressa a relação entre objetividade e subjetividade.

Este objeto de pesquisa se insere no campo epistêmico dos saberes no trabalho, bem como do reconhecimento e do diálogo entre saberes de natureza diferente, além da devida legitimação de cada um deles. O problema que o origina é o estatuto epistemológico, político, cultural e subjetivo dos saberes produzidos e mobilizados pelos(as) trabalhadores(as) em situações diversas de trabalho, bem como os processos de construção e legitimação desses saberes. A partir daí, o interesse dos artigos que compõem o dossiê se volta, especialmente, para a atividade do(a) pesquisador(a).

A abordagem da dimensão enigmática da atividade do(a) pesquisador(a) remete, inicialmente, ao tema da relação do sujeito com o saber.

A investigação em torno da noção de relação com o saber e suas implicações no processo de produção e legitimação de saberes, demanda recorrente nas discussões em torno dos saberes nas situações de trabalho, levou ao aprofundamento do diálogo com referenciais teóricos diferentes. Entre eles destacam-se a antropologia, a etnologia, a filosofia, a sociologia e a psicanálise.

Os artigos aqui reunidos, a partir das questões em pauta, quando se trata de focalizar os sujeitos, os saberes e as relações entre eles, buscam focalizar um tipo específico de trabalhador(a): o(a) pesquisador(a). O enigmático da relação entre objetividade e subjetividade na atividade desse sujeito ganha realce nas pesquisas apresentadas.

Sob esse ponto de vista, os(as) autores(as) problematizam o processo de pesquisa, seus obstáculos e desafios, partindo do postulado de que, para todo sujeito pesquisador, o objeto da pesquisa não é neutro e se inscreve em um percurso pessoal específico. Buscam compreender de que forma a pulsão de saber anima, de maneira intensa, os(as) pesquisadores(as) num processo de pesquisa. Além de considerar o saber em sua dimensão pulsional, o interesse se estende à problemática da transmissão: como praticamos o que nos foi transmitido, formalmente ou não, em termos de descoberta do mundo? Como nos reconhecemos, encontramos uma saída ou, ao contrário, nos inibimos? Quem são nossos interlocutores ocultos, conhecidos ou desconhecidos, quando realizamos uma pesquisa? Como escolhemos e aplicamos uma metodologia e os seus procedimentos? De que maneira eles são coerentes com o que queremos? Como escrevemos? Como citamos? Quais são nossos momentos de bloqueio? O que compreendemos sobre a forma como os nossos temas de pesquisa nos tocam pessoalmente e como percebemos o fato de que essa relação facilita ou, ao contrário, dificulta nosso trabalho? Ou, ainda, como nossos bloqueios esclarecem nossas questões implícitas?

O foco da abordagem desloca-se da atividade do(a) pesquisador(a) e de seus desdobramentos nos processos de intervenção, voltando-se para o trabalho concreto, sem elidir, contudo, a dimensão do trabalho abstrato. Aqui, a perspectiva da Ergologia se soma aos referenciais teóricos mencionados, anteriormente.

A atividade é entendida como espaço em que o sujeito desenvolve uma verdadeira dramática dos usos de si, marcada por um debate entre normas antecedentes, valores e saberes — conscientes e inconscientes —, que resulta em renormalizações, em maneiras de fazer, maneiras de viver as contradições, as angústias, as restrições, os recursos do presente, singularmente. A atividade do(a) pesquisador(a), como toda atividade humana é sempre tentativa de reinventar o que nela não pode ser antecipado, o que não pode ser antecipável; reinvenção singular que se confronta, no coletivo, com outras produções singulares, multiplicando, como num caleidoscópio, as diversas possibilidades de arranjos, de encontros e desencontros.

Ressaltamos, ainda, outro ponto de ancoragem que faz interface com os anteriores e que exige novos ensaios de articulação entre eles. Trata-se do referencial das epistemologias do sul, em particular da tradução de saberes, que aqui deságua na confluência entre gênero e etnia.

Consentir, problematizar e elucidar os percalços e os acertos contidos na relação do(a) pesquisador(a) com o objeto e os sujeitos da pesquisa; interrogar o monopólio do conhecimento científico por intermédio das análises acerca da colonialidade do saber e do poder: são posicionamentos que trazem à tona a diversidade epistemológica no mundo.

Com este dossiê, buscamos socializar algumas das produções do conhecimento científico nas ciências humanas e sociais, além de promover o debate entre pesquisadores(as), docentes e estudantes de vários grupos de pesquisa e estabelecer vínculos acadêmicos entre diferentes instituições, que visem a organização de redes de intercâmbio e o desenvolvimento de projetos integrados.

É o que esperamos oferecer aos(às) leitores(as) com os artigos apresentados, que integram parte de uma produção que envolveu pesquisadores(as) de universidades na França, na Argentina e no Brasil.

A seguir, apresentamos os artigos que o compõem.

O artigo “A pesquisa e sua escrita: questão de estilo e autoria”, de Margareth Diniz e Eloisa Helena Santos, aborda a relação objetividade/subjetividade na pesquisa. As autoras problematizam a atividade do(a) pesquisador(a) e a escrita que acompanha a pesquisa, socializando reflexões sobre os desafios enfrentados desde a formulação do problema e a escolha do objeto até os resultados alcançados e a escrita do trabalho final. As autoras apresentam, ainda, os percalços e os acertos presentes na relação do(a) orientador(a) com o(a) orientando(a) e a incidência dos aspectos conscientes/inconscientes nos resultados da pesquisa materializados na escrita.

Françoise Hatchuel, em seu artigo “Conciliar dúvida e investigação: modalidade de confrontação ao mundo e acompanhamento clínico”, apresenta como se constrói a relação de um sujeito com o saber e observa duas tipologias de resposta frente à dúvida e à incerteza: a do saber racional, que pretende erradicar essa dúvida, e a dos rituais tradicionais, que, ao contrário, sustentam-na reavaliando o fosso entre saberes e crenças. A autora desenvolve o tema por meio do exemplo da orientação de dissertações de mestrado.

Em “Embarços da atividade de escrita acadêmica ao encontro do saber investido”, Mariana Veríssimo e Jurandir Soares apresentam os embarços vivenciados por

ocasião da escrita de sua tese e sua dissertação, respectivamente. Os objetos de estudo das pesquisas foram *a atividade de escrita de monografias de conclusão de um curso superior vivenciada por trabalhadores-universitários* e *a mediação entre saberes investidos e constituídos de trabalhadoras-estudantes de um curso de complementação do Ensino Fundamental*. Ao fazerem uso da autoconfrontação ao saber investido para coletar os dados da pesquisa, os autores se confrontaram com os seus próprios saberes, desinvestidos pela atividade de escrita e transformados em saberes constituídos. A ergologia permitiu situar a noção de escrita como uma atividade complexa própria do humano.

No artigo de Maryline Nogueira-Fasse intitulado “Entre antropologia e Ciências da Educação: a noção de ritual de passagem a serviço de um dispositivo de formação de professores do ensino básico”, a autora apresenta as ligações estabelecidas entre o seu objeto de investigação como doutoranda em Ciências da Educação na Universidade de Paris Oeste Nanterre (França) e o seu percurso pessoal, ligações que se cristalizam em torno da noção de *passagem*. A abertura à antropologia permitiu-lhe experimentar um olhar clínico de orientação psicanalítica sobre a noção de ritual de passagem. Esse empréstimo disciplinar, investido no campo da formação dos professores do ensino básico, deu lugar a oficinas de escrita, das quais a autora retirou extratos de textos apresentados ao leitor como um trabalho psíquico de elaboração de um “si-mesmo professor”.

O artigo de Shirley Aparecida Miranda “Saberes emergentes: a pesquisa com professoras indígenas” afirma que as lutas por reconhecimento de identidades observadas a partir da segunda metade do século passado resultaram em desestabilizações nos campos político e jurídico e também em âmbito epistêmico. Para a autora, o monopólio do conhecimento científico passa a ser interrogado por análises acerca da colonialidade do saber e do poder, as quais trazem à tona a diversidade epistemológica do mundo. Seu artigo dialoga com esse conjunto interpretativo e tematiza as interpelações aos processos de pesquisa a partir da dinâmica de reconhecimento de identidades indígenas.

O artigo “Além do princípio de neutralização e de engajamento dentro da pesquisa antropológica”, de autoria de Gilles Raveneau, examina dificuldades e condições de investigação com as quais o pesquisador foi confrontado ao longo das suas pesquisas etnográficas. As ideias expostas pelo autor dialogam com as propostas na antropologia, na etnologia e na sociologia nos trinta últimos anos. O artigo mostra que é possível sair da oposição estéril entre objetividade e subjetividade na experiência de pesquisa antropológica e ensaia uma reconciliação entre a “pureza” dos dados colhidos na investigação e o envolvimento necessário do pesquisador no seu campo de pesquisa.

Artigo de Agda Marina Ferreira Moreira e de José Eustáquio Brito, “Desafios e perspectivas da pesquisa etnográfica em uma comunidade quilombola”, apresenta resultado parcial de uma pesquisa que visa compreender as contribuições do movimento quilombola para o processo educativo de suas lideranças, tendo por referência narrativas elaboradas por aqueles sujeitos. Realizada na comunidade quilombola de Carrapatos da Tabatinga, localizada no Centro-Oeste mineiro, a pesquisa buscou compreender processos formativos ali presentes, sob a perspectiva

da etnografia. Os autores analisam os embaraços e as atitudes assumidas pela pesquisadora em sua relação com os sujeitos da pesquisa, bem como a complexa relação subjetividade X objetividade suscitada pela imersão em campo.

Em “Reflexividade, iniciação, saberes: exemplo de uma pesquisa em um clube de pais em Seine Saint-Denis”, Éric Chauvier afirma que, nas ciências humanas e sociais, a reflexividade é frequentemente citada, mas raramente incorporada e efetiva. Ela é, no melhor dos casos, limitada a uma função de vigilância ou a considerações metodológicas separadas dos resultados científicos propriamente ditos. O autor propõe um rompimento com essa prática, de modo a valorizar o potencial heurístico do saber reflexivo da antropologia. Segundo Chauvier, ao retomar o fenômeno de comunicação que une o observador aos observados e, mais especificamente, ao rever as anomalias comunicativas, torna-se possível, de um lado, favorecer uma iniciação inédita ao sofrimento alheio e, do outro, produzir um campo de conhecimento específico a partir do levantamento de questões.

Admardo Bonifácio Gomes Júnior, em “O uso de si e a atividade de pesquisa”, aborda o problema da relação entre trabalho e saúde mental a partir das noções ergológica de uso de si e psicanalítica de sintoma. O autor argumenta que a condução clínica da relação entre trabalho e saúde mental, ao mesmo tempo psicanalítica e ergológica, pode se dar pela escuta do uso que cada sujeito faz de si com seu sintoma, o que está em jogo em toda atividade. Admardo Gomes Júnior retoma o encadeamento histórico da sua trajetória para apontar como suas atividades o levaram ao seu objeto de pesquisa.

No artigo intitulado “A dupla face das implicações do pesquisador”, Maria José Acevedo compartilha resultados de sua tese de doutorado, que teve como objeto a exploração da constituição da posição de autoridade em um coletivo de trabalhadores docentes, apoiada na epistemologia da complexidade, nas diversas correntes da psicossociologia clínica francesa, em particular a sociopsicanálise fundada por Gerard Mendel. A autora assume para si a formação em sociopsicanálise e, por meio de seus princípios, passa à pesquisa de doutorado orientada por um psicanalista argentino criador de ferramentas metodológicas habitualmente utilizadas na clínica terapêutica e raramente aplicadas nos eixos sociais. A pesquisadora buscou descobrir a pertinência dessa metodologia para analisar um caso, cujo objeto se inscreve no campo de uma clínica do social, refletindo sobre as distintas implicações que incidiram sobre ela ao longo do processo de investigação.

Em “Uma travessia pelo *rap*: discussões sobre epistemologia clínica”, ao investigar a função simbólica do *rap* para analisar como os jovens *rappers* brasileiros e franceses utilizam e manipulam símbolos para se representar na realidade e agir sobre ela, Ana Massa discute os processos de desconstrução e reconstrução operados no seu objeto de estudo, frequentemente calados pelos trabalhos científicos. A autora utiliza a epistemologia clínica para analisar sua implicação e o distanciamento que emerge em dois momentos diferentes: durante a realização de campo, no encontro com seu objeto, e durante a escrita, que se realiza no *après-coup* da pesquisa.

Por fim, no artigo “Da subjetividade à objetividade, uma passagem necessária na atividade do investigador em clínica de intervenção: questionamentos acerca de uma cena conflitual”, Danielle Hans narra e analisa uma intervenção-investigação

num colégio francês acerca da socialização dos alunos. A intervenção consistiu em ajudar a identificar os movimentos projetivos e transferenciais nos quais os profissionais se encontravam envolvidos sem o seu próprio conhecimento. No artigo, a autora analisa as reviravoltas dos acontecimentos vivenciados tanto pelo investigador como pelos investigados, assim como as incidências na relação oferta/procura na intervenção e no processo de produção de saber. Consequentemente, questiona os desafios epistemológicos e políticos ligados a uma tipologia de investigação que implica ligações entre investigador e ator social.

Os artigos que compõem o dossiê expressam reflexões de pesquisadores(as) que se colocaram, de uma maneira ou de outra, como objeto em suas próprias pesquisas. Eles representam o nosso interesse em jogar luz sobre uma dimensão da vida desses(as) trabalhadores(as) que permanece quase sempre na penumbra.

Boa leitura a todos(as)!

Eloisa Helena Santos (UNA)³

Margareth Diniz (UFOP)⁴

³ Doutora em Educação pela Université de Paris VIII, França. Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Local do Centro Universitário Una. E-mail: <eloisasantos@uaivp.com.br>.

⁴ Doutora e Mestre em Educação pela FaE/UFMG. Professora Adjunta de Psicologia da Universidade Federal de Ouro Preto. Diretora do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (IHS-UFOP). Coordenadora dos grupos de pesquisa sobre Formação e Condição Docente (PRODOC/UFMG) e Programa Caleidoscópio de Pesquisa/Extensão (UFOP). Membro integrante do LEPSI - Seção Minas Gerais. Integra o Programa de Pós-Graduação Mestrado em Educação da UFOP. E-mail: <dinizmargareth@yahoo.com.br>.

